

## OUTROS TEMAS

# ADOLESCENTES E HOMOSSEXUALIDADE: REPRESENTAÇÕES SOCIAIS E IDENTIDADE SOCIAL

PRISCILLA DE OLIVEIRA MARTINS-SILVA  
ELOISIO MOULIN DE SOUZA  
ANNOR DA SILVA JUNIOR  
DANIELLY BART DO NASCIMENTO  
RAFAEL RUBENS DE QUEIROZ BALBI NETO

### RESUMO

*O objetivo da pesquisa é identificar concepções de adolescentes sobre homossexualidade em seu contexto social. Para isso, articula duas teorias: Representações Sociais e Identidade Social. Aplicaram-se questionários semiestruturados a adolescentes de escolas particular e pública e na análise dos dados utilizou-se o software Alceste. Os resultados revelam a presença de elementos positivos e negativos na representação social da homossexualidade e o seu processo de formação está associado ao processo de formação identitário. A configuração da representação social se relaciona a medo provocado por objetos sociais diferentes do que é considerado padrão; tentativa de retomar o sentido de ordem e controle sobre o mundo; valores e crenças presentes na história da sociedade; e posição social dos grupos sociais e ganhos que podem advir da relação intergrupala.*

REPRESENTAÇÕES SOCIAIS • IDENTIDADE • HOMOSSEXUALIDADE •  
ADOLESCENTES

# ADOLESCENTS AND HOMOSEXUALITY: SOCIAL REPRESENTATIONS AND SOCIAL IDENTITY

PRISCILLA DE OLIVEIRA MARTINS-SILVA  
ELOISIO MOULIN DE SOUZA  
ANNOR DA SILVA JUNIOR  
DANIELLY BART DO NASCIMENTO  
RAFAEL RUBENS DE QUEIROZ BALBI NETO

## ABSTRACT

*The research aims to identify how adolescents comprehend homosexuality in their social context. It articulates two theories: Social Representations, Social Identity. Methodologically, semi-structured questionnaires were applied to adolescents from public and private schools. The data was analyzed by software Alceste. The results show the presence of positive and negative elements in the social representation of homosexuality. The formation process of social representation is associated to the identity process formation. Social representation configuration is related to: fear provoked by social objects considered different from the established pattern; attempt to retake the sense of order and control over the world; values and beliefs present in the society history: social position of social groups and the gains that can come from the intergroup social relationship.*

SOCIAL REPRESENTATIONS • IDENTITY • HOMOSEXUALITY •  
ADOLESCENTS

**N**OS DEBATES ATUAIS sobre discriminação, as expressões mais utilizadas são: racismo, antissemitismo, sexismo e homofobia (RIOS, 2007). Entretanto, Rios salienta que, dentre todas essas expressões, a discriminação relacionada à homofobia é a mais controversa e a menos estudada e discutida, o que, em parte, indica a relevância da realização desta pesquisa.

Para abordar o tema optou-se por utilizar duas perspectivas teóricas já exploradas separadamente na Psicologia Social, porém ainda pouco utilizadas em conjunto: Teoria da Identidade Social – TIS – de Henry Tajfel (1982) e Teoria das Representações Sociais – TRS – de Serge Moscovici (1961). A utilização das duas perspectivas teóricas fundamenta-se no entendimento de que as teorias podem auxiliar na melhor compreensão do fenômeno da homofobia.

Ao articular as duas teorias para discutir a homofobia, investigou-se a população adolescente por entender que esse público está num momento importante da formação da identidade e que por isso as informações e experiências adquiridas nesse momento contribuem com a construção da forma pela qual vivem e experienciam o mundo (MARTINS, TRINDADE, ALMEIDA, 2003). Outro fator determinante na escolha de adolescentes foi a pesquisa de Savin-Williams (2005) que demonstra a existência de maior tolerância em relação à homossexualidade nessa população, uma vez que adolescentes e jovens tem se sentido mais livres para assumir a homossexualidade.

Considerando esses aspectos, buscou-se responder o seguinte problema de pesquisa: Como os adolescentes concebem a homossexualidade a luz da TIS e da TRS? Objetivou-se, com esse estudo, identificar

como a população adolescente, subdivida em dois grupos sociais distintos, concebe a homossexualidade no próprio contexto social.

## HOMOSSEXUALIDADE E HOMOFOBIA

Durante muito tempo, os estudos sobre gênero enxergaram a heterossexualidade como algo essencial, determinado biologicamente. A concepção de que alguns comportamentos são tipicamente femininos ou masculinos está apoiada na possibilidade de procriação. Essa possibilidade aparece primeiramente na ordem dos valores e da moral, construídos social e historicamente por uma rede de sentidos, que faz circular as normas que acabam sendo naturalizadas, ou seja, adquirem o selo de verdades universais (SWAIN, 2001). O binarismo heterossexual é uma invenção ocorrida há aproximadamente dois séculos, com o surgimento do *two-sex-model* (LAQUEUR, 1996).

Até o século XVIII, o modelo de sexualidade existente era o *one-sex-model*. Nesse modelo havia uma hierarquia corporal em que apenas um sexo existia: o masculino. Dessa forma, havia uma escala de perfeição que começava com a mulher e atingia seu apogeu com o homem. A mulher não era considerada como algo diferente do homem, mas um homem invertido e inferior.

Segundo Costa (1995), a teoria da diferença sexual, denominada em Laqueur (1996) de *two-sex-model*, nasceu do interesse filosófico, moral e político de se encontrar algo para justificar a inferioridade político-jurídico-moral da mulher. Nesse processo observou-se primeiramente a produção de desigualdades sociais e políticas entre homens e mulheres, que foram justificadas pela desigualdade do sexo, para, em seguida, a diferença de sexos fundar a diferença de gêneros: masculino ou feminino (COSTA, 1995). Observa-se com isso uma mudança fundamental em relação ao *one-sex-model*. Enquanto no *one-sex-model* a mulher era um homem invertido e inferior, no *two-sex-model* ela passa a ser considerada o inverso complementar do homem. Em contrapartida a essa mudança, o homossexual passou a ser o invertido e “sua inversão será vista como perversão, porquanto antinatural” (COSTA, 1995, p. 128) e até mesmo considerada como uma doença.

A concepção de inversão do homossexual está atrelada a teoria desenvolvida por Karl Heinrich Ulrichs, na década de 1860, denominada “uranista”. Essa teoria afirmava que “um homem que sentisse atração sexual por outro homem era, na verdade, ‘uma mulher presa no corpo de um homem’” (GREEN, 2000, p. 87). Assim, por essas consoantes, o homossexual passou a ser socialmente desvalorizado, por se ver nele uma extensão da mulher (COSTA, 1995).

A divisão das pessoas em homossexuais e heterossexuais era algo teoricamente impossível e, em termos sociais, algo impraticável anteriormente à diferenciação dos sexos. Assim, ocorre a invenção dos ho-

mossexuais como uma consequência político-teórica das normas feitas à mulher e ao homem no *two-sex-model* (COSTA, 1995). A sexualidade fica reduzida ao regime binário de masculino e feminino que se configura como o limite entre lícito e ilícito, permitido e proibido, em que a homossexualidade, conforme já dito, é considerada um desvio, uma anormalidade. Com isso, passa-se a atribuir uma origem biológica à homossexualidade, classificando-a como uma patologia e retirando sua discussão do campo político (FOUCAULT, 1988).

A sexualidade, como salienta Foucault (1988), é historicamente construída por dispositivos discursivos e de poder e, desse modo, deve ser analisada levando-se em consideração os aspectos culturais como organizadores da sexualidade e não como algo determinado biologicamente. Nessa mesma linha de pensamento, Heilborn (1996, p. 137) afirma que “a sexualidade não possui essência a ser desvelada, mas é antes um produto de aprendizado de significados socialmente disponíveis para o exercício dessa atividade humana”.

Do ponto de vista da construção social e invenção do homossexual, admite-se que a superação da homofobia passa pela desconstrução do binômio hetero/homo, pois a homofobia promove a afirmação da heterossexualidade por meio do repúdio e do combate à homossexualidade, ou seja, “para atacar a homofobia em suas raízes, é preciso suplantar a heterossexualidade e a homossexualidade como identidades sexuais” (RIOS, 2007, p. 37). Seguindo essa concepção de Rios, o pensamento *queer*, originário do encontro entre os estudos culturais norte-americanos e pós-estruturalismo francês (MISKOLCI, 2007), surge como um mecanismo social de rompimento da visão binária e biológica da homossexualidade.

Segundo Lara Neto (2007), a base do pensamento *queer* está na analítica de poder de Michel Foucault, salientando que esse foi pioneiro ao descartar o binômio sexualidade/natureza, passando a abordar a sexualidade em termos de história, significação e discurso. Para Miskolci (2007) a afirmação foucaultiana de que a sexualidade tornou-se um dispositivo histórico de poder, desenvolvido pelas sociedades ocidentais modernas, é o ponto de partida do pensamento *queer*.

Na tentativa de romper com a categorização binária de classificação e normalização do comportamento sexual, o pensamento *queer* entende que desconstruir a polaridade rígida dos gêneros significa “problematizar tanto a oposição entre eles quanto a unidade interna de cada um” (LOURO, 2008, p. 31-32). O “termo *queer* tem sido empregado como um marcador da instabilidade da identidade ao mesmo tempo em que busca dar conta de todos os *outsiders* do sexo e do gênero” (LARA NETO, 2007, p. 5). Nesse contexto, o grande desafio do pensamento *queer*, tratando-se de identidade sexual, “é admitir que as fronteiras vêm sendo constantemente atravessadas e – o que é ainda mais complicado – que o lugar social no qual alguns sujeitos vivem é exatamente a fronteira” (LOURO, 2004, p. 28).

## TEORIA DA IDENTIDADE SOCIAL E DISCRIMINAÇÃO

A Teoria da Identidade Social foi proposta por Tajfel (1982) com o objetivo de explicar a dinâmica das relações interpessoais e intergrupais (BREAKWELL, 1993).

Os conceitos importantes para a construção da TIS são: estereótipo social e identidade social. De fato, para entender o conceito de identidade social, proposto por Tajfel (1982), é importante primeiro compreender o conceito de estereótipo social. Dessa forma, será discutido inicialmente o conceito de estereótipo social para, então, ser apresentado o conceito de identidade social – IS.

Tajfel (1982) levantou em suas pesquisas sobre preconceito, duas possibilidades de estudo de estereótipo: uma possibilidade é relacionada com a cognição e outra, voltada para o entendimento social. Em uma concepção estritamente cognitivista, o estereótipo é a capacidade que um indivíduo tem de generalizar um conceito (uma descrição) para vários estímulos ambientais diferentes, porém semelhantes. O estereótipo é uma parte do processo de categorização, que visa a simplificar, sistematizar e facilitar a percepção das complexas e abundantes informações ambientais. Para Tajfel (1982), a concepção cognitivista do estereótipo desconsidera a necessidade de estudos das interações sociais para se formular “leis individuais gerais”, pois o contexto social é considerado apenas “um gerador de classe de estímulos” (TAJFEL, 1982, p. 163). Partindo desse conceito, o autor propõe o conceito de estereótipo social, no qual são incluídas as interações sociais (o contexto social) na formação do estereótipo. Assim, os

...estereótipos sociais [têm por característica serem] comuns a um grande número de pessoas, provém de, e são estruturados pelas relações entre grupos sociais e entidades em larga escala. O funcionamento e utilização dos estereótipos resultam duma profunda interação entre esta estruturação contextual [social] e o seu papel na adaptação dos indivíduos ao meio social em que estão inseridos. (TAJFEL, 1982, p. 163)

Tajfel (1982) também apresenta as funções sociais do estereótipo: *causalidade social*: explicar a causa de fenômenos sociais; *justificação*: justifica as ações ocorridas entre grupos sociais; e *diferenciação*: diferenciar positivamente o grupo próprio dos outros grupos sociais. O conceito de estereótipo social é utilizado para dar sustentação ao conceito de IS, dessa forma:

A identidade social de um indivíduo [é] concebida como o conhecimento que ele tem de que pertence a determinados grupos sociais. [A este conhecimento está vinculado] um significado emocional e de valor que só podem ser definidos através dos efeitos das cate-

gorizações sociais que dividem o meio social de um indivíduo no seu próprio grupo e em outros. (TAJFEL, 1982, p. 294)

O processo de construção dos estereótipos permite a criação de uma identidade social grupal, tanto para o grupo a que o indivíduo pertence (*ingroup*) quanto para os outros grupos (*outgroups*). A aquisição e o desenvolvimento da identidade grupal são definidos pela percepção da posição que o indivíduo ocupa na sociedade pela comparação com outros indivíduos em relação à sua filiação em grupos sociais. O processo de aquisição da IS é feito de forma classificatória e valorativa (TAJFEL, 1982); o processo cognitivo, no entanto, implica o reconhecimento do indivíduo como integrante de um grupo de pessoas com características próprias e que se diferencia dos outros grupos, e dessa consciência de filiação decorre o julgamento sobre o seu grupo e os outros grupos. Tanto o processo de reconhecimento quanto o de julgamento envolvem certa demanda emocional (DEL PRETTE, DEL PRETTE, 2003). Como o processo de construção da IS ocorre a partir da comparação entre o *ingroup* e o *outgroup*, para que o primeiro seja caracterizado como positivo é necessário que o segundo seja caracterizado de forma negativa. A comparação envolve também os interesses sociais circulantes. Dessa forma, como afirma Velho (1999) um grupo social pode ser objeto de valorização ou estigmatização, dependendo do contexto em que é percebido.

## TEORIA DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS

A Teoria das Representações Sociais – TRS – foi criada por Serge Moscovici na década de 1960. O conceito apareceu pela primeira vez em *La psychanalyse, son image et son public*, um estudo sobre como a sociedade francesa havia compreendido os conceitos psicanalíticos e de que forma os representava em seu cotidiano (MOSCOVICI, 1961).

A TRS possibilitou a aproximação da Psicologia Social com a Sociologia, visto que, anteriormente, a preponderante tradição norte-americana estava mais voltada para as questões individuais. Essa teoria permite esclarecer o que as pessoas pensam a respeito de um objeto no mundo e como essa forma de pensar influencia as práticas no cotidiano. A TRS questiona a tradição norte-americana na qual existiria uma fronteira separando o individual do social e, com isso, apresenta uma relação de mão dupla em que a sociedade influencia o indivíduo e o indivíduo influencia a sociedade (ABRIC, 1998; JODELET, 2001).

As representações sociais são explicações e afirmações produzidas no cotidiano de indivíduos que interagem. Representar um objeto é procurar justificativas para transformá-lo de estranho em algo familiar, para que se possa identificá-lo no meio social (ABRIC, 1998). Em outras palavras, representar não é simplesmente duplicar ou reproduzir um sentido causal unidimensional, mas vai além, uma vez que significa a constituição do pró-

prio indivíduo ao construir ou reconstruir uma realidade social e uma visão de mundo (BANCHS, 2000). Essa visão de mundo possibilita que esse sujeito dê um sentido aos seus comportamentos e entenda a realidade mediante seu próprio sistema de crenças, regras e valores, possibilitando ao indivíduo um lugar de entrada e adaptação à realidade (ABRIC, 1998).

Os processos formadores das representações sociais foram descritos como aqueles de objetivação e de ancoragem. A objetivação tem como função dar materialidade a um objeto abstrato, duplicar um sentido por meio de objeto (ALMEIDA, 2005). Em outros termos, na objetivação os conceitos abstratos ganham forma (matéria) na medida em que os significados abstratos são conferidos a um objeto. Com isso, é possível tornar familiar algo abstrato. “Como exemplo, lembra o fato de comparar Deus a um pai, o que faz com que a pessoa preencha a mente e desperte os sentimentos correspondentes” (LEME, 1995, p. 49) ao significado do papel de pai, conforme o contexto social em que está inserido.

A ancoragem tem a função de dar um sentido inteligível dentro de um contexto. Ela ocorre quando há a “incorporação ou assimilação de novos elementos de um objeto em um sistema de categorias familiares e funcionais aos indivíduos e que lhes estão facilmente disponíveis na memória” (ALMEIDA, 2005, p. 126). Moscovici (1961), em seu primeiro trabalho sobre a TRS, exemplifica esse processo na psicanálise, em que a terapia é uma estranha medicina sem remédios, mas, ao mesmo tempo, assemelha-se a uma confissão religiosa.

Na ancoragem e na objetivação, é preciso decidir se o que está sendo avaliado é semelhante ou é diferente de um modelo, e essa decisão não é neutra, “ela implica uma atitude para com a pessoa ou coisa e um desejo de considerá-la normal ou desviante” (LEME, 1995, p. 49). A participação dos afetos, vista dessa perspectiva, é de grande importância para o maior entendimento das representações sociais, uma vez que os afetos são os mediadores em sua constituição, ou seja, é por meio dos afetos que são constituídos os vínculos com os grupos, com as ideias e com a visão de mundo do indivíduo (LANE, 1995).

De acordo com Arruda (2002), a compreensão pela qual as pessoas representam socialmente determinado objeto pode permitir ao pesquisador ir além da identificação dos elementos de representação social e possibilitar o entendimento do pensamento social. A partir disso, a autora sugere que apenas com esse conhecimento, é possível “transformar ou, quando menos, [...] entender as dificuldades para a transformação do pensamento social” (ARRUDA, 2002, p. 138).

Segundo Abric (1998), as representações sociais possuem basicamente quatro funções: compreensão e explicação da realidade social; definição da identidade grupal e proteção da especificidade do grupo; guia para comportamentos e práticas sociais; e justificativa de tomadas de posição e de comportamentos. Elas funcionam como um “sistema de

interpretação” do mundo, regendo as relações entre as pessoas e determinando seus componentes e suas práticas. Desse modo, as representações sociais são “uma forma de conhecimento socialmente elaborada, com objetivo prático, e que contribui para a construção de uma realidade comum a um conjunto social” (JODELET, 2001, p. 22).

## A TEORIA DA IDENTIDADE SOCIAL E A TEORIA DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS

De acordo com o exposto sobre a TIS e a TRS, verifica-se que uma teoria pode complementar a outra com a finalidade de melhor entender o objeto de estudo em questão: a compreensão da homossexualidade para os adolescentes. Isso porque as duas pressupõem uma questão essencial: a importância do contexto social na compreensão de si, do outro e do mundo.

Uma vez que a RS é a forma pela qual o indivíduo compreende o mundo, pode-se afirmar que a IS é formada das representações sociais de si, do *ingroup* e do *outgroup*. Desse modo, verifica-se que o processo de formação da identidade social faz parte do processo de compreensão e vivência do mundo que ocorre por meio das representações sociais.

Partindo das funções de cada um dos elementos (RS e IS), observa-se que há uma justaposição em três questões, que tanto a RS como a IS procuram: explicar e compreender a realidade social; justificar as tomadas de posição e de comportamentos; e definir a identidade grupal. Em relação à última questão, Tajfel (1982) é mais específico, indicando que na diferenciação do grupo, este sempre tenderá a ser identificado positivamente em relação aos outros.

Breakwell (1993) sugere teoricamente a possibilidade de integração das duas teorias. Argumenta que a TIS é restrita ao explicar o processo de formação identitário exclusivamente nas necessidades e motivações individuais, ou seja, na necessidade de uma identidade social positiva e sugere que a TRS pode contribuir com um modelo mais amplo sobre o papel do processo identitário. A autora também afirma que a TRS pode ter contribuições da TIS, pois pode permitir a compreensão dos processos que estão articulados para a formação de determinada RS.

Alguns estudos realizados com a TRS já têm procurado entender que processos estão presentes na formação das RS, como estudo sobre a representação da Aids, realizado por Joffe (1995), que verifica junto a homossexuais e heterossexuais britânicos e africanos que a responsabilidade pela disseminação é sempre atribuída a um grupo externo. De acordo com a autora “a projeção da responsabilidade sobre grupos estranhos é um mecanismo de defesa que afasta tanto o próprio grupo como o Eu da Aids, deixando intacta a sensação de controle”.

Neste estudo, para integrar as duas teorias, será realizado o levantamento das RS da homossexualidade com o objetivo de avaliar de que forma esse outro é compreendido, e reconhecer os processos identitários que são engendrados na formação dessas representações.

## MÉTODOS

Trata-se de uma pesquisa de natureza qualitativa que assume a postura teórica da composição cultural da realidade social e subjetiva (FLICK, 2004). Participaram desta pesquisa 283 alunos dos últimos anos do ensino fundamental da região metropolitana de um estado da Região Sudeste. Desses, 44,2% estudavam no oitavo ano e 55,8% no nono ano; 53,7% eram do sexo feminino e 46,3% do sexo masculino; 56,5% estudavam em escola pública e 43,5% em escola particular. A média – M – da idade dos alunos na escola pública foi de 14,15 anos e o desvio padrão – DP – de 1,34; já na escola particular tem-se M = 13,61 e DP = 1,23.

Quanto à renda familiar, a maioria dos alunos da rede pública declara ter renda familiar entre 1 e 3 salários mínimos (50,6%); 18,8%, entre 4 e 8 salários mínimos; 4,4%, acima de 8 salários mínimos e 14,6%, não ter renda fixa; 8,1% dessa população não respondeu a essa questão. Um quadro inverso é observado em relação à população da rede particular de ensino: 31,7% informou que a renda familiar é maior do que 8 salários mínimos; 26%, entre 4 e 8 salários mínimos; 15,4%, entre 1 e 3 salários mínimos; 18,1%, não ter renda fixa e 12,2% não respondeu à questão.

Foi aplicado um questionário constituído de duas partes: na primeira parte havia dados pessoais (idade, sexo, atividade laboral, renda total familiar e local de moradia) e na segunda parte, questões abertas pertinentes ao objetivo da pesquisa. As perguntas que compuseram o questionário foram: O que é homossexualidade segundo o seu entendimento? O que a homossexualidade representa para você? Quais são os comportamentos que caracterizam a pessoa homossexual? Para você, o que leva à homossexualidade?

A aplicação do questionário foi feita de modo coletivo (em sala de aula) e individual (cada pessoa respondia o seu questionário de maneira individual).

Para a análise dos dados foi utilizado o *software* Análise Lexical Contextual de um Conjunto de Segmentos de Texto – Alceste®<sup>1</sup>. A utilização de programas computacionais como o Alceste tem sido de grande auxílio nas ciências sociais. Isso porque os programas computacionais tornam mais sistemático e explícito o processo de pesquisa e, desse modo, mais transparente e rigoroso e, por livrar o pesquisador de “tarefas mecânicas, tediosas e complicadas” (KELLE, 2002, p. 409), liberam mais tempo para tarefas criativas e analíticas. Porém, é importante ressaltar que as vantagens dos programas computacionais não vão além de “um tratamento qualificado dos dados, que facilita, mas não substitui o trabalho de interpretação” (ARRUDA, 2005, p. 247). Compete ao pesquisador fornecer as articulações e as explicações sobre o conjunto de dados da pesquisa, que foi previamente organizado e sistematizado por programas computacionais.

A tese principal que embasou a construção do programa Alceste é que todo discurso expressa um sistema de “mundos lexicais” que possui

1 *Analyse Lexical par Contexte d'un Ensemble de Segment de Texte*. Todos os direitos reservados à IMAGE. Trata-se de um programa computacional de análise quantitativa de dados textuais desenvolvido por Max Reinert, na Universidade de Toulouse II, França.

racionalidade e dá coerência ao discurso daquele quem fala. O “mundo lexical” é evocado pelo conjunto de palavras que constituem uma frase ou um fragmento do discurso, independente de sua construção sintática. Nesse sentido, o mundo lexical compreendido como a forma pela qual o indivíduo representa socialmente o mundo por meio da linguagem. O programa tem como objetivo observar a noção de mundo lexical mediante a análise estatística da ocorrência de palavras em um ou mais enunciados (DE ALBA, 2004).

Para este estudo utilizou-se a análise estatística Classificação Hierárquica Descendente – CHD – realizada pelo programa. Para operar a CHD o programa efetua uma matriz-palavra por unidade contextual (afirmações), com o objetivo de investigar semelhanças e dessemelhanças estatísticas das palavras, visando a identificar padrões repetitivos de linguagem. O objetivo da CHD é conseguir uma divisão do *corpus* (conjunto de respostas dadas) em classes, de tal forma que as classes não contenham palavras sobrepostas (KRONBERGER, WAGNER, 2002). A CHD também apresenta a posição de cada classe sob forma de uma árvore (dendrograma). O dendrograma possibilita verificar a ligação entre as classes (forte ou fraca) e a representatividade de cada classe (em percentil) dentro do *corpus* avaliado.

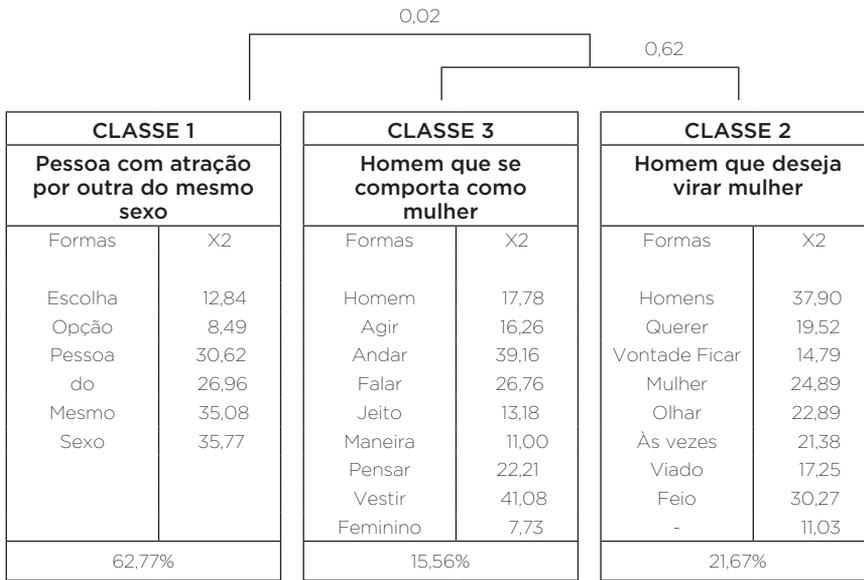
Para a utilização do programa Alceste o *corpus* foi composto de todas as respostas dadas pelos que responderam a segunda parte do questionário. As respostas foram ordenadas da seguinte forma: primeiro foram digitadas todas as respostas do primeiro respondente, em seguida todas as respostas do segundo e, assim, sucessivamente, até o último respondente. Devido às diferenças lexicais entre os dois grupos pesquisados, foi necessário fazer a análise das respostas dos adolescentes da escola particular e dos adolescentes das escolas públicas em separado.

## RESULTADOS

Como explicitado anteriormente, a análise do *corpus* foi feita considerando os grupos adolescentes de escola particular e de escola pública em separado. Assim, primeiro será exposta a análise dos adolescentes que frequentam escola particular e, posteriormente, a dos que frequentam escola pública. Os exemplos dos discursos estão numerados pela ordem de apresentação no artigo.

Na figura 1, observa-se a análise do *corpus* dos alunos das escolas particulares. Nela estão representadas três classes que foram denominadas: pessoa com atração por outra do mesmo sexo (classe 1); homem que deseja virar mulher (classe 2); e homem que se comporta como mulher (classe 3). As classes 2 e 3 possuem uma forte relação ( $r = 0,62$ ) e a classe 1 tem uma fraca relação com as demais classes ( $r = 0,02$ ).

**FIGURA 1**  
**DENDROGRAMA DO CORPUS DAS RESPOSTAS DOS ADOLESCENTES DE**  
**ESCOLA PARTICULAR (N = 123)**



Fonte: Dados da pesquisa.

Na classe 1 está contido o discurso que considera o homossexual uma pessoa que se sente atraída por outra do mesmo sexo ou tem a opção sexual por uma pessoa do mesmo sexo. Outra característica dessa classe é achar que a homossexualidade deve ser respeitada, porém, ao mesmo tempo contém um discurso que a considera um desvio. Dentro dessa classe estão representados 62,77% dos discursos encontrados nas escolas particulares que participaram da pesquisa. Exemplos: “Uma pessoa que se atrai por pessoas do mesmo sexo. Algo terrível. Eu acho muito estranho e incompatível com a sociedade”; “Respeitar a opção sexual da pessoa”.

Na classe 3 a visão de homossexualidade está vinculada ao homem que se comporta como mulher, pois fala como mulher, se veste como mulher, é delicado: “Quando a pessoa começa a ter muita frescura, tem a voz fina e seu andar é delicado”; “O jeito de andar, de falar, de se vestir, de se comportar”.

A classe 2 compreende os homossexuais como sendo homens com vontade de se transformar em mulheres. Devido à proximidade da relação entre a classe 2 e 3, verifica-se em parte do discurso dos entrevistados que a homossexualidade não está apenas em se vestir e se comportar como mulher, mas também em realizar modificações corporais (que pode ser por meio de cirurgias plásticas) para parecer mulher. Nessa classe, que abarca 21,27% do discurso, também estão presentes aspectos pejorativos e críticas: “A homossexualidade é quando os homens querem virar mulher”; “Às vezes tem homens que fazem até cirurgia para ficarem mais parecidos com mulheres”.

Embora na análise do discurso pelo programa Alceste não tenha surgido uma classe que indique as causas da homossexualidade, esse discurso esteve presente. A não-divisão desse conteúdo em uma classe indica que ele esteve presente ao longo dos discursos, mas que não foi muito significativo. As causas citadas para a homossexualidade foram: aspectos biológicos, doença, pecado, escolha pessoal, curiosidade, insatisfação pessoal e socialização:

Já nascem com essa vontade.

Para mim, é uma doença, a pessoa nasce ou não com ela.

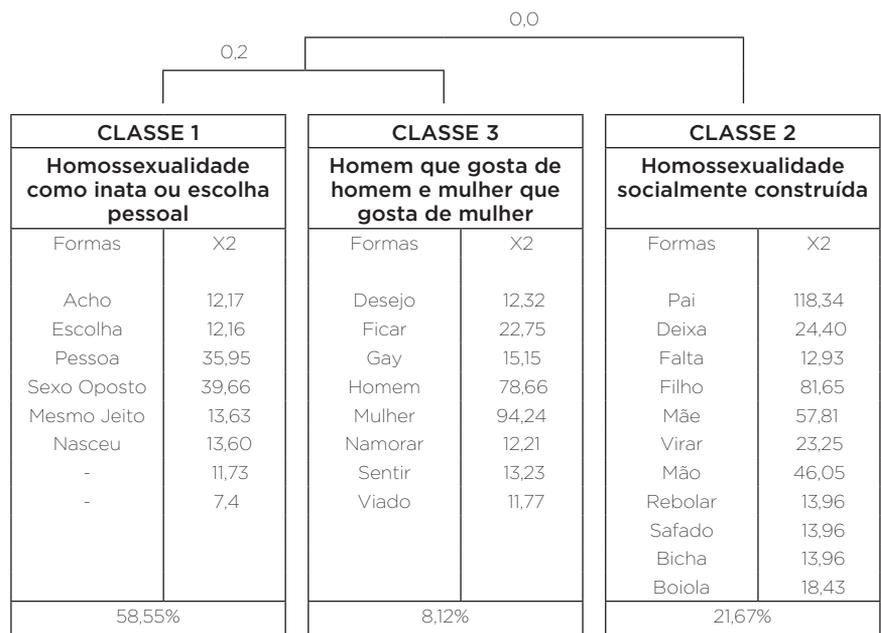
Pessoas que não tem o entendimento de Deus, que acabam desviando para um caminho de engano.

Novas experiências para saber como é namorar alguém do mesmo sexo.

Problemas familiares, a vida vivida de forma solitária ou até mesmo a educação que a pessoa recebe.

A Figura 2, análise dos dados coletados em escolas públicas, contém três classes: homossexualidade como inata ou como escolha pessoal (classe 1); homossexualidade socialmente construída (classe 2); e homem que gosta de homem e mulher que gosta de mulher (classe 3). Observa-se uma fraca relação entre as classes 1 e 3 ( $r = 0,2$ ) e ausência de relação entre a classe 2 e as outras classes ( $r = 0,0$ ).

**FIGURA 2**  
DENDROGRAMA DO CORPUS DAS RESPOSTAS DOS ADOLESCENTES DE ESCOLA PÚBLICA (N = 160)



Fonte: Dados da pesquisa.

Na classe 1 encontra-se o discurso em que o homossexual é uma pessoa que escolheu gostar de outra pessoa do mesmo sexo, ou que a homossexualidade é inata, isso é, a pessoa nasce homossexual. Os adolescentes acrescentam que esta característica é normal e deve ser respeitada. Além disso, verifica-se um discurso baseado na religião que propõe de certa forma que esse comportamento não é adequado. Essa classe engloba a maioria do discurso analisado (58,55%):

A pessoa nasceu gay e tem esse dom. Se ele se sente feliz [...] deixa ele ser feliz do jeito dele.

Uma pessoa de um determinado sexo que se interessa por pessoas do mesmo sexo. Uma coisa supernormal, cada um tem o direito de escolher sobre sua vida e praticar suas escolhas.

Mas como existe o bem e o mal, o certo e o errado, o pecado, as pessoas acham que são donas de suas vidas e que não devem satisfação a Deus que tanto nos ama.

Observa-se que essa classe apresenta conteúdos contraditórios: a homossexualidade é uma opção do sujeito *versus* a homossexualidade é determinada biologicamente; a homossexualidade é normal *versus* a homossexualidade não é adequada. Isso ocorreu, pois o programa organiza as classes de acordo com a análise estatística da presença de palavras e não por análise semântica de palavras; nesse caso, as palavras “escolha”, “nasceu” e “jeito” foram significativas para essa classe, assim como as palavras “errado” ( $\chi^2 = 2,1$ , sendo que 100% dessa palavra presente no *corpus* está nesta classe) e “normal” ( $\chi^2 = 2,4$ , sendo que 75% dessa palavra presente no *corpus* está nesta classe). Observa-se ainda que o conjunto de palavras classificado nessa classe diferencia-se do conjunto de palavras das outras classes.

Na classe 3 é predominante a ideia de que o homossexual é um homem que gosta de homem ou uma mulher que gosta de mulher. Verificam-se também nessa classe elementos negativos relacionados à homossexualidade. Essa classe representa apenas 8,1% do discurso: “Namora o mesmo tipo, ou seja, homem com homem e mulher com mulher”; “Um homem gostar de outro homem e uma mulher gostar de outra mulher, é uma palhaçada, uma pouca-vergonha”.

Na classe 2 o discurso predominante indica que a homossexualidade é construída socialmente por meio da criação e interação familiar. Além disso, observa-se a presença de aspectos pejorativos e elementos que identificam o homossexual com trejeitos tipicamente femininos. Essa classe está representada por 33,3% do discurso:

O pai não dá atenção para o filho, não explica para ele, deixa ele com a mãe, o menino aprende coisas de mulher.

Às vezes tem alguns pais que falam que os filhos são boiola, e por isso que alguns viram homossexuais.

Gay, boiola, viado, safadeza, sem-vergonha.

Mão-mole, modo de andar, de falar.

## DISCUSSÃO

Observa-se em parte do discurso analisado a aceitação da homossexualidade como uma forma de existência, inclusive com a expressão da necessidade de respeito à opção sexual das pessoas, entretanto, esse pensamento representa ainda minoria. Verifica-se certa tolerância nas falas dos adolescentes, o que pode ter levado à conclusão de Savin-Willians (2005) de que os adolescentes e jovens sentem-se mais livres para assumir a sua opção sexual. Ressalta-se, todavia, que, de acordo com o conjunto dos dados, é possível verificar que a vivência da homossexualidade ainda é muito discriminada.

A persistência da homossexualidade no campo da discriminação tem múltiplas causas, como aponta a bibliografia. Uma dessas causas relaciona-se à forma pela qual a homossexualidade tem sido concebida na história da humanidade, qual seja, como uma “anormalidade” (FOUCAULT, 1988).

Observando os dados, verificam-se dois tipos de discursos: um agressivo em relação ao homossexual e outro que indica a necessidade de respeito para com esses indivíduos. Vale ressaltar, entretanto, que o discurso do respeito, por vezes, é acompanhado de certo estranhamento. Ainda que se observem algumas conquistas em relação aos direitos civis dos homossexuais (ARAN, CORREA, 2004), a sua vivência cotidiana permanece como alvo de grande discriminação social.

Uma questão que merece consideração é como os entrevistados concebem a homossexualidade: é a vontade de o homem ser mulher e de a mulher ser homem (Classe 2 e 3 para a escola particular e Classe 3 para a escola pública). A afirmação de que é uma pessoa que gosta de pessoa do mesmo sexo (Classe 1 para a escola particular e Classe 3 para a escola pública) é uma outra forma de entender a homossexualidade.

A primeira forma de apreender a homossexualidade assemelha-se à Teoria Uranista (GREEN, 2000) e está baseada nas normas heterossexuais, ou seja, na dicotomia de gênero homem/mulher (LAQUEUR, 1996), fazendo menção tanto ao comportamento quanto à vestimenta. Essa forma acaba por categorizar as pessoas e, conseqüentemente, atribuir a elas uma identidade social. Como aponta Tajfel (1982), o conceito de identidade social é sustentado pelo de estereótipo social. Pode-se observar, nos dados, a função de diferenciação, verificando-se a diferenciação dos homossexuais como pertencentes a um grupo com características negativas (vergonha, safadeza, terrível, entre outros).

A segunda forma de entender a homossexualidade está, aparentemente, mais próxima do pensamento *queer*, que propõe que a sexualidade homossexual pode ser vivida de várias maneiras (LOURO, 2004; 2008). O discurso que abarca essa forma de entender a homossexualidade, apesar de referir a necessidade do respeito a essas pessoas, vem, por vezes, acompanhado de certa estranheza em relação a essa forma de lidar com a sexualidade. Essa estranheza também cumpre a função de diferenciação. De qualquer forma, observa-se um avanço, mesmo que pequeno, ao afirmar a necessidade, tanto no âmbito particular quanto no social, do respeito à pessoa na sua individualidade e na sua opção de vida.

Ao observar os dois grupos separadamente, verificam-se diferenças na linguagem utilizada para descrever a homossexualidade, que tornaram necessário realizar a análise das respostas dos grupos pesquisados em separado. O discurso dos alunos da rede pública manifesta de maior agressividade e contém uma quantidade maior de aspectos pejorativos que o discurso de alunos da rede particular. Apesar da diferença na quantidade e no tipo de palavras utilizadas, o conjunto dos discursos caracteriza negativamente os homossexuais. Caracterização que tem por função justificar os estereótipos sociais (TAJFEL, 1982), na medida em que esse discurso pode ser utilizado para justificar qualquer ação em relação aos homossexuais e justificar comportamentos discriminatórios que podem chegar à violência (JOFFE, 1995; SOUZA, 2004).

Os dados também apontam para as causas da homossexualidade. As razões indicadas pelos alunos são similares ao que vem sendo observado. Para os alunos das escolas particulares as causas principais são: a vontade de o homem ser ou virar mulher, ou seja, a homossexualidade é justificada por uma lógica bidimensional de gênero (GREEN, 2000; COSTA, 1995) ou uma opção sexual. Além disso, também aparecem os itens: socialização, insatisfação pessoal e curiosidade. Para os alunos das escolas públicas, a homossexualidade pode ser consequência de problemas familiares, opção sexual ou ainda mau caráter (SWAIN, 2001). Constata-se também, em ambos os grupos, que a homossexualidade pode ser vista como algo inato, biológico (FOUCAULT, 1988) e, em alguns casos, ainda é considerada uma doença ou uma prática perversa (FOUCAULT, 1988; COSTA, 1995).

O conjunto dos resultados revela a construção do estereótipo social da pessoa homossexual. De acordo com Tajfel (1982), o estereótipo social é construído por meio das interações sociais inter e intragrupo com o objetivo de permitir a adaptação do indivíduo ao seu meio social. Para isso, possui as funções de causalidade social, diferenciação e justificação. Nesta pesquisa, ainda que se observe a elaboração de duas formas diferentes de entendimento sobre a homossexualidade, verifica-se, em ambos os casos, a construção de um estereótipo da homossexualidade, o que permite a sua diferenciação, assim como pode permitir e justificar contra um grupo social.

A construção dos estereótipos sociais da homossexualidade refere-se a elementos das representações sociais sobre a homossexualidade. Considerando a TRS com base nos dados analisados, é possível realizar duas discussões: a primeira seria identificar o processo de ancoragem dessas RS e as suas razões. Por meio do processo de ancoragem das RS é possível constatar que os entrevistados utilizam os elementos que estão a sua volta (valores, concepções, crenças, experiências, entre outros), para dar um significado (ALMEIDA, 2005; ABRIC, 1998) à homossexualidade. Assim, a partir dos dados, pode-se indicar que a representação social de homossexualidade possui vários elementos, entretanto é preciso ressaltar os elementos discriminatórios que podem estar ancorados na religião, nos papéis tradicionais de gênero e nos aspectos da relação saúde-doença (COSTA, 1995; FOUCAULT, 1988). A segunda discussão apresenta uma ampliação da forma pela qual normalmente os estudos em TRS têm sido realizados. Perguntar “por que essa representação e não àquela?” e “qual a finalidade dessa RS para este grupo?” pode contribuir, conforme sugere Arruda (2002), para a compreensão do pensamento social e a sua transformação.

Foi possível identificar, pelos dados da pesquisa, algumas razões na configuração das RS da homossexualidade:

1. A estranheza no discurso pode estar relacionada com o medo provocado por objetos sociais diferentes do que se considera padrão, pois esses ameaçam o sentido de ordem e a sensação de controle das pessoas sobre o mundo.
2. Na tentativa de retomar o sentido de ordem e de controle sobre o mundo, é necessário o enquadramento desse objeto social, ou seja, tornar familiar aquilo que não é familiar. Isso ocorre por meio das projeções individuais e grupais em determinado objeto que podem permitir a sua identificação ou a sua diferenciação. Ambos os processos são importantes na formação da identidade do indivíduo. A identificação é “processo psicológico pelo qual um indivíduo assimila um aspecto, uma propriedade, um atributo do outro e se transforma, total ou parcialmente, segundo o modelo desta pessoa” (LAPLANCHE, PONTALIS, 1971, p. 295). Em outros termos,

...identificar-se implica, sob a perspectiva individual, a constituição da representação de si e da autoestima; do ponto de vista social, se relaciona com as modalidades de pertencimento aos grupos, os diversos papéis que a pessoa vive e as diversas representações em relação às quais ela se situa. (COUTINHO, KRAWULSKI, SOARES, 2007, p. 32)

A diferenciação é o processo pelo qual o indivíduo se distancia de outro mediante categorização positiva ou negativa. Para Tajfel (1982) há uma tendência à valorização positiva do *ingroup* e negativa do

*outgroup*. Diante dessa constatação, Souza (2004) afirma que é por meio dos processos de categorização e identificação que é possível a produção de solidariedade e exclusão dos mais diversos tipos. Evidencia-se, entretanto, a exclusão moral que “destitui os grupos e seus membros de suas características humanas” (SOUZA, 2004, p. 66), permitindo assim a produção de violência contra esses indivíduos.

3. Os processos de identificação e diferenciação estão atrelados aos valores e crenças presentes na história da sociedade, além da posição e dos ganhos sociais que um grupo de natureza social pode alcançar por meio da relação intergrupala.

No caso desta pesquisa, verifica-se a utilização de características negativas em sua maioria para a denominação de homossexuais. Apesar de os movimentos em defesa dos direitos dos homossexuais (ARAN, CORREA, 2004) terem conseguido vitórias significativas no mundo todo, o pensamento social (ARRUDA, 2002) sobre a homossexualidade está organizado de forma a caracterizá-la negativamente. A transformação desse pensamento, de acordo com os dados, passa necessariamente pela reformulação dos valores e crenças da sociedade que assume o padrão heteronormativo (RIOS, 2007) até o alcance de relações sociais baseadas em princípios de equidade.

A pesquisa proporcionou duas contribuições fundamentais: a viabilidade de articular duas teorias para compreender um fenômeno complexo e pouco estudado (RIOS, 2007); e o destemor de uma população adolescente que não tem receio de manifestar opiniões em comparação com a população adulta, visibilizando um discurso de intolerância que precisa ser debatido socialmente e revisto com o objetivo de que se respeitem as individualidades e as diferentes sexualidades.

## REFERÊNCIAS

- ABRIC, J. C. A Abordagem estrutural das representações sociais. In: MOREIRA, A. S. P.; OLIVEIRA, D. C. (Org.). *Estudos interdisciplinares de representação social*. Goiânia: AB, 1998. p. 27-38.
- ALMEIDA, A. M. O. A Pesquisa em representações sociais: proposições metodológicas. In: SANTOS, M. F. S.; ALMEIDA, L. M. (Org.). *Diálogos com a teoria da representação social*. UFPE, 2005. p. 117-160.
- ARAN, M.; CORREA, M. V. Sexualidade e política na cultura contemporânea: o reconhecimento social e jurídico do casal homossexual. *Physis*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 14, p. 329-341, jul./dez. 2004.
- ARRUDA, A. Despertando do pesadelo: a interpretação. In: MOREIRA, B. V.; CAMARGO, J.C.; NOBREGA, B.V. *Perspectivas teórico-metodológicas em representações sociais*. João Pessoa: UFPB, 2005. p. 229-258.
- \_\_\_\_\_. Teoria das representações sociais e teorias de gênero. *Cadernos de Pesquisa*, Campinas, n. 117, p. 127-147, nov. 2002.

- BANCHS, M. A. Aproximaciones procesuales y estructurales al estudio de las representaciones sociales. *Paper on Social Representation*, London, v. 9, p. 3.1-3.15, 2000.
- BREAKWELL, G. M. Social representations and social identity. *Papers on Social Representations*, Linz, v. 2, n. 3, p. 198-217, 2003.
- COSTA, J.F. *A Face e o verso: estudos sobre o homoerotismo*, 2. São Paulo: Escuta, 1995.
- COUTINHO, M. C.; KRAWULSKI, E.; SOARES, D. H. P. Identidade e trabalho na contemporaneidade: repensando articulações possíveis. *Psicologia & Sociedade*, Belo Horizonte, v. 19, n. 1 esp., p. 29-37, 2007.
- DE ALBA, M. El Método Alceste y su aplicación al estudio de las representaciones sociales del espacio urbano: el caso de la Ciudad de México. *Papers on Social Representations*, London, v. 13, p. 1.1-1.20, 2004.
- DEL PRETTE, A.; DEL PRETTE, Z. A. P. Assertividade, sistema de crenças e identidade social. *Psicologia em Revista*, Belo Horizonte, v. 9, n. 13, p. 125-136, jun. 2003.
- FLICK, U. *Uma introdução a pesquisa qualitativa*. Porto Alegre: Bookman, 2004.
- FOUCAULT, M. *História da sexualidade*, 1: A vontade de saber. Rio de Janeiro: Graal, 1988.
- GREEN, J. N. *Além do carnaval: a homossexualidade masculina no Brasil do século XX*. São Paulo: Unesp, 2000.
- HEILBORN, M. L. Ser ou estar homossexual: dilemas de construção de identidade social. In: PARKER, R.; BARBOSA, R. M. *Sexualidades brasileiras*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1996. p. 63-89.
- JODELET, D. Representações sociais: um domínio em expansão. In: \_\_\_\_\_. (Org.). *As Representações sociais*. Rio de Janeiro: Eduerj, 2001. p. 17-44.
- JOFFE, H. “Eu não”, “o meu grupo não”: representações sociais transculturais da AIDS. In: GUARESCHI, P. A.; JOVCHELOVITCH, S. (Org.). *Textos em representações sociais*. 8. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995. p. 297-322.
- KELLE, U. Análise com auxílio de computador: codificação e indexação. In: BAUER, M. W.; GASKEL, G. (Org.). *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático*. Petrópolis: Vozes, 2002. p. 393-415.
- KRONBERGER, N.; WAGNER, W. Palavras-chave em contexto: análise estatística de textos. In: BAUER, M. W.; GASKEL, G. (Org.). *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático*. Petrópolis: Vozes, 2002. p. 416-441.
- LANE, S. T. M. Usos e abusos do conceito de representação social. In: SPINK, M. J. (Org.). *O Conhecimento no cotidiano: as representações sociais na perspectiva da psicologia social*. São Paulo: Brasiliense, 1995. p. 58-72.
- LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J. B. *Vocabulaire de psychanalyse*. Paris: PUF, 1971.
- LAQUEUR, T. *Inventando o sexo: corpo e gênero dos gregos a Freud*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1996.
- LARA NETO, O. A. A Teoria *queer* e as sexualidades no contexto brasileiro: desafios teórico-metodológicos. In: ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS, 31., 2007, Caxambu. *Anais...* São Paulo: Anpocs, 2007.
- LEME, M. A. V. S. O Impacto da teoria das representações sociais. In: SPINK, M. J. (Org.). *O Conhecimento no cotidiano: as representações sociais na perspectiva da psicologia social*. São Paulo: Brasiliense, 1995. p. 46-57.
- LOURO, G. L. *Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.
- \_\_\_\_\_. *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. Petrópolis: Vozes, 2008.

MARTINS, P. O.; TRINDADE, Z. A.; ALMEIDA, A. M. O. O Ter e o ser: representações sociais da adolescência entre adolescentes de inserção urbana e rural. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, Porto Alegre, v. 16, n. 3, p. 555-568, 2003.

MISKOLCI, R. A Teoria *queer* e a questão das diferenças: por uma analítica da normalização. In: CONGRESSO DE LEITURA DO BRASIL, 16., 2007, Campinas. *Anais...* Campinas, 2007, p. 1-19.

MOSCOVICI, S. *La Psychanalyse, son image et son public: étude sur la représentation sociale de la psychanalyse*. Paris: PUF, 1961.

RIOS, R. R. O Conceito de homofobia na perspectiva dos direitos humanos e no contexto dos estudos sobre preconceito e discriminação. In: POCAHY, F. (Org.). *Rompendo o silêncio: homofobia e heterossexismo na sociedade contemporânea – políticas, teoria e atuação*. Porto Alegre: Nuances, 2007. p. 37-48.

SAVIN-WILLIAMS, R. C. *The New Gay Teenager*. Cambridge, Ma.: Harvard University, 2005.

SOUZA, L. Processos de categorização e identidade: solidariedade, exclusão e violência. In: SOUZA, L.; TRINDADE, Z. (Org.). *Violência e exclusão: convivendo com paradoxos*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004. p. 57-74.

SWAIN, T. N. Para além do binário: os queers e o heterogêneo. *Gênero*, Niterói, v. 2, n. 1, p. 87-98, set. 2001.

TAJFEL, H. *Grupos humanos e categorias sociais: estudos em psicologia social*, 1. Lisboa: Livros Horizonte, 1982.

VELHO, G. *Individualismo e cultura: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea*. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

#### PRISCILLA DE OLIVEIRA MARTINS-SILVA

Professora do Departamento de Administração da  
Universidade Federal do Espírito Santo  
[priscillamartinssilva@gmail.com](mailto:priscillamartinssilva@gmail.com)

#### ELOISIO MOULIN DE SOUZA

Professor do Departamento de Administração da  
Universidade Federal do Espírito Santo  
[eloisiomoulin@gmail.com](mailto:eloisiomoulin@gmail.com)

#### ANNOR DA SILVA JUNIOR

Professor do Departamento de Ciências Contábeis da  
Universidade Federal do Espírito Santo  
[annorsj@gmail.com](mailto:annorsj@gmail.com)

#### DANIELLY BART DO NASCIMENTO

Aluna do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da  
Universidade Federal do Espírito Santo  
[danybartnasc@yahoo.com.br](mailto:danybartnasc@yahoo.com.br)

#### RAFAEL RUBENS DE QUEIROZ BALBI NETO

Aluno do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da  
Universidade Federal do Espírito Santo  
[rafael.balbi@hotmail.com](mailto:rafael.balbi@hotmail.com)